

# **A construção do *ethos* discursivo na epístola aos Filipenses: uma análise discursiva<sup>1</sup>**

## **The construction of the discursive *ethos* in The epistle to the Philippians: a discursive analysis**

*David Araújo de Carvalho*<sup>2</sup>  
*Domingos de Sousa Machado*<sup>3</sup>

### **RESUMO**

O presente trabalho busca analisar o *ethos* discursivo do apóstolo Paulo na epístola aos Filipenses à luz da Análise do Discurso de linha Francesa. Nosso objetivo está em identificar as diferentes imagens que o apóstolo, o enunciador, constrói na sua carta. Nossa pesquisa está voltada para uma pesquisa bibliográfica, de método qualitativo – interpretativo. Utilizamos em nossa pesquisa autores da Análise do Discurso e nossos objetivos se concentraram em descrever os vários *ethos* revelados na epístola de Paulo aos Filipenses descrevendo o lugar de sujeito que o enunciador ocupa ao produzir a linguagem.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Ethos Discursivo. Análise do Discurso. Discurso religioso. Epístola aos Filipenses.

---

<sup>1</sup> Artigo de adaptação do trabalho A CONSTRUÇÃO DO ETHOS DISCURSIVO NA EPÍSTOLA AOS FILIPENSES: UMA ANÁLISE DISCURSIVA, 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras – Português) – Universidade Estadual do Piauí. Orientador: Domingos de Sousa Machado.

<sup>2</sup> David Araújo de Carvalho, graduado em Letras pela UESPI, pós-graduando em Gramática, Produção e Revisão Textual pela FAEME – Faculdade Evangélica do Meio Norte.

<sup>3</sup> Doutorando em Linguística pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestre em Letras pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Graduado e pós-graduado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI).

**ABSTRACT**

This paper seeks to analyze the discursive ethos of the apostle Paul in the Epistle to the Philippians in the light of the Discourse Analysis of the French line. Our goal is to identify the different images that the apostle, the enunciator, builds in his letter. Our research is focused on a bibliographical research, qualitative and interpretative method. We used authors of Discourse Analysis in our research, and our goals focused on describing the various *ethos* revealed in Paul's epistle to the Philippians by describing the place of subject the enunciator occupies in producing language.

**KEYWORDS**

Discursive Ethos. Discourse analysis. Religious speech. Epistle to the Philippians.

**Introdução**

Analisar o discurso religioso, especificamente o cristão, com a criticidade que se quer a ciência, sobretudo os estudos da linguagem, pode ser tido como estudo pretensioso, reacionário ou alienado. Por vezes, revelar um texto evangélico à luz das teorias da linguagem parece não ter valor para uma sociedade regida por uma febre humanista que retira o crédito do discurso religioso, sendo tachado como discurso de autoajuda e conservador, de uma forma ou de outra preconizando estes dois últimos.

Nos dias atuais do século XXI, em meados da segunda década o auge marxista, com sua leitura precária, expurga o discurso religioso cristão dos meios sociais. De forma transfigurada, a imagem do sujeito, da identidade cristã, fica restrita aos intolerantes religiosos que expurgam religiões contrárias ao mundo cristão protestante. É por meio de discussões como essas que o trabalho voltado para a análise da imagem do enunciador da carta aos Filipenses tornou-se pertinente para a contribuição dos estudos voltados para o discurso religioso cristão e para a desmistificação do caráter *fascista* atribuído à sociedade cristã. A epístola de Paulo aos crentes em Filipos torna-se, então, sinônimo de alegria,

pois sua principal característica é o amor e a alegria que Paulo tem pelos seus irmãos em Filipos.

O *ethos* nos revela a imagem que o discurso religioso pode nos propor do sujeito enunciador. Imagens como de credibilidade, potência, virtude, competência, solidariedade, humanidade são construções de imagens *incorporadas* ao discurso cristão. Ao passo que Paulo revela um discurso de tolerância, de unificação e solidariedade, atribuindo credibilidade ao seu discurso, outros segmentos políticos e filosóficos buscam por meio da austeridade, intolerância e imposição da força, ganhar adeptos e ser considerados dignos de crédito. Busca-se, então no presente trabalho, descrever a construção do *ethos* discursivo do apóstolo Paulo aos Filipenses, tonando este nosso principal objetivo. É com todo repertório teórico que a Análise do Discurso nos proporciona que buscamos analisar a construção da imagem de si que o enunciador constrói em sua epístola.

### O discurso religioso

Fator importante na área da linguagem é estabelecer os lugares de produtor e receptor na sua produção. A *reversibilidade*, a troca de papéis, de turnos linguísticos, é uma característica viva em todo ato de linguagem. Em programas de TV, em salas de aula, na venda de um produto qualquer feita por um comerciante, na ordem de um pai para o seu filho, sempre teremos um enunciador e um enunciatário que estabelecerá os papéis de emissor e destinatário.

Partindo da noção de reversibilidade, que passa a ser ela a possibilidade da realização do discurso, pode-se observar que no discurso religioso esse caráter é pouco recorrente. Por meio da *não reversibilidade* presente no discurso religioso, Eni Orlandi em *A Linguagem e seu Funcionamento*: as formas do discurso<sup>4</sup> elabora um trabalho com características próprias a esse discurso, ligando-o a categoria de discurso autoritário. Ela especifica três tipos de discurso: *o lúdico, o polêmico e o*

<sup>4</sup> ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*: as formas do discurso. 6ª ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2011.

*autoritário*. O critério para distinguir cada tipo de discurso está na relação entre interlocutores e seu referente.

Com base em sua constituição, o *discurso religioso* está norteado por sistemas de valores que se fazem presentes dualidades, tais como homem/Deus, salvação/condenação, morte/vida, retidão/pecado, que comprometem a voz de seu enunciador ao seu enunciatário. O discurso religioso expressa, dessa forma, uma formação ideológica precisa no fazer-crer. De acordo com Orlandi<sup>5</sup>, a construção dos sentidos é estabelecida quando alguém situado em dado lugar da sociedade diz algo a outro também situado em outro lugar na sociedade. Por meio dessa interação (o contrato comunicacional, essa relação que envolve um saber comum partilhado entre os interlocutores), o enunciador, no discurso religioso, promete a salvação por meio do evangelho em um fazer-crer, enquanto o enunciatário pode crer assegurando sua salvação, ou não, tornando-se transgressor e pecador. De tal maneira, manifesta-se no discurso religioso cristão uma *formação ideológica*<sup>6</sup> que estabelece juízos de valores entre o certo e o errado, o espiritual e o mundano, o bem e o mal, o céu e o inferno.

Há de se estabelecer a reversibilidade como a possibilidade do discurso. O discurso só existe em relação ao outro (ao seu enunciatário, ao interdiscurso), é na reversibilidade, na troca de turnos que acontece o discurso. Desta maneira, o sujeito só se constitui em relação ao outro, ao seu enunciatário. Porém, esse caráter pertencente à linguagem é atravessado pela *ilusão da reversibilidade*, o *caráter não reversível* da língua.

De acordo com Orlandi:

A questão da reversibilidade traz como consequência necessária a consideração do outro critério que temos utilizado para a distinção de tipos de discurso: trata-se da polissemia. Podemos, então, afirmar que o discurso autoritário tende à monossemia, uma vez que esse discurso se caracteriza pela polissemia contida, estancada. Entretanto, também em relação à monossemia, não podemos afirmar que o discurso autoritário é um discurso monossêmico, mas sim que ele tende para a monossemia. Isto porque todo discurso é incompleto e seu

<sup>5</sup> ORLANDI, 2011, p. 26.

<sup>6</sup> O conceito de formação ideológica está ligado a todo o sistema de crenças, valores, ideologias, é a realidade sociocultural que cerca o discurso do sujeito.

sentido é intervalar: um discurso tem relação com outros discursos, e constituído pelo seu contexto imediato de enunciação e pelo contexto histórico – social, e se institui na relação entre formações discursivas ideológicas. Assim sendo, o sentido (os sentidos) de um discurso escapa (m) ao domínio exclusivo do locutor. Poderíamos, então, dizer que todo discurso, por definição é polissêmico, sendo que o discurso autoritário tende a estancar a polissemia<sup>7</sup>.

Pode-se observar que a reversibilidade, a troca de papéis na interação por meio da linguagem, é a condição necessária para que se possa estabelecer o discurso, pois não pode haver discurso sem o outro. Há, nesse sentido, o caráter polifônico, as outras vozes que ecoam em nosso discurso, a voz do outro, do enunciatário, do *interdiscurso*<sup>8</sup>, que passa a ser este, no dizer de Orlandi<sup>9</sup>, “todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos”. Como esclarece a autora, o discurso religioso como autoritário tende à monossemia, pois todo discurso é constituído por sua relação com outros discursos, com outras formações discursivas e ideológicas, com sua *memória discursiva*<sup>10</sup>, que é toda formulação que se repete, recusa e transforma outras formulações, outros discursos.

Ainda em relação ao discurso religioso, Citelli<sup>11</sup> o caracteriza como sendo uma das formações discursivas mais persuasivas, tendo em vista seu caráter autoritário, pois seu enunciador está regido pela norma da determinação. Deus é o *sujeito* que determina e cobre todas as vozes. Deus nomeia, porém não é nomeado. Diante das palavras do autor:

Uma das formações discursivas mais explicitamente persuasiva é a religiosa aqui o paroxismo autoritário chega a tal grau de requinte

<sup>7</sup> ORLANDI, 2011, p. 240.

<sup>8</sup> O interdiscurso é a presença de diferentes discursos, em diferentes momentos da história, em diferentes lugares sociais que atribuem sentidos ao léxico no interior de uma dada formação discursiva.

<sup>9</sup> ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12ª ed. Campinas: Pontes, 2015, p. 31.

<sup>10</sup> Para Orlandi, 2015, p. 29, “[...] o que chamamos de memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já-dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada de palavra”.

<sup>11</sup> CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2002.

que o enunciador não pode ser questionado, visto ou analisado, é ao mesmo tempo o tudo e o nada. Deus plasmará todas as outras vozes, inclusive a daquele que fala em seu nome: o pastor. Estamos diante de um discurso de autoria sabida, porém não determinada, visto que a fala do pastor se cobre como verdade não sua, mas do outro, aquele que, por ser determinação de todas as coisas, engloba todas as falas do rebanho<sup>12</sup>.

Como se pode observar, a fala de Deus ecoa na fala de seu representante, o pastor, missionário, bispo etc. Diante disso, o sujeito do discurso, seja ele o pastor, passa a ser um intérprete, um porta voz, um transmissor da palavra de Deus. Visto sua forma insustentável no meio material, o caráter de um retorno entre os interlocutores, os enunciadores da linguagem, fica restrito ao seu locutor. O destinatário, ou seja, o enunciatário da mensagem passa ser compreendido como mero receptor da palavra de Deus transmitida por seus intérpretes. Isso não desqualifica o discurso religioso, não retira a posição dos sujeitos da linguagem, tão pouco fere a língua. Como se observa, o discurso religioso segue regras próprias, assim como o judiciário, o político, o publicitário, etc.

### **A Análise do Discurso e a construção do *ethos***

Influenciar, aderir, convencer, persuadir, direcionar, são algumas atitudes que o locutor/enunciador recorre em seu discurso no processo de enunciação. Por meio disso, ele promove a construção de uma imagem que faça seu interlocutor, enunciatário, a compartilhar das mesmas ideias ou recusá-las. A preocupação recorrente à noção do estudo da boa aparência ao enunciar o discurso levou Aristóteles a questionar o que é persuasivo para o indivíduo. Maingueneau, ao observar o *ethos* proposto por Aristóteles, destaca que sua concepção está focada em um fazer persuadir:

Ao escrever sua Retórica, Aristóteles pretende apresentar uma *techné* cujo objetivo não é examinar o que é persuasivo para se ou

---

<sup>12</sup> CITELLI, 2002, p. 69.

aquele indivíduo, mas para esse ou aquele tipo de indivíduos (1356 b32-33). A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão mediante a forma com que se constrói o discurso, em dar uma imagem de si capaz de convencer o auditório, ganhando sua confiança. O destinatário deve, assim, atribuir certas propriedades à instância que é posta como fonte do acontecimento enunciativo<sup>13</sup>.

Para Aristóteles, o *ethos* está imbricado ao caráter persuasivo da linguagem ao trazer à tona o que torna persuasivo para tal grupo de indivíduos. De forma pragmática, o *ethos* aristotélico encobre-se na boa impressão ao auditório. Os gestos, as roupas, os adornos, o tom da voz que o orador produz o discurso, as palavras que compõem seu repertório na instância enunciativa. Pode-se perceber que o *ethos* retórico envolve um movimento dinâmico que envolve a ação de seus interlocutores, de seu auditório para construir a própria representação imaginária de seu orador.

A prova pelo *ethos* consiste em causar boa impressão. A persuasão se estabelece quando o caráter do orador transparece em seu discurso, tornando-o digno de fé. Para construir essa imagem positiva do orador, Aristóteles expõe três qualidades fundamentais para sua produção: a *phronesis*, ou prudência, *arete*, ou virtude, e a *eunoia*, ou benevolência<sup>14</sup>. Ademais, retomando o *ethos* retórico, pode-se viabilizá-lo em um processo de movimento. O orador produz seu discurso levando sua imagem ao auditório, aos interlocutores, e será a partir deles que o locutor/orador construirá sua imagem, sendo ela positiva ou não. Há características bastante estáveis no *ethos* retórico, características que envolvem a constituição política do orador, que envolvem questões de idade e realça aspectos de maturidades próprias da juventude, maturidade, velhice.

Ainda retomando o *ethos* trabalhado na *Retórica* de Aristóteles, Maingueneau esclarece:

O *ethos* está crucialmente ligado ao ato de enunciação, mas não se pode ignorar que o público constrói também representações

<sup>13</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de Enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza -e- Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 56.

<sup>14</sup> MAINGUENEAU, 2015, p. 57.

do *ethos* do enunciador mesmo antes que ele fale. Parece necessário estabelecer uma distinção entre o *ethos* discursivo e o *ethos* pré-discursivo. Só o primeiro, como vimos, corresponde à definição de Aristóteles<sup>15</sup>.

Em contraponto ao modelo aristotélico de se conceber o *ethos*, Maingueneau ressalta que são os traços de caráter que o orador deve revelar em seu discurso para produzir boa imagem, sendo pouco pertinente sua sinceridade<sup>16</sup>.

Por sua vez, Ducrot<sup>17</sup> reformulou a proposta trabalhada pelos retóricos em atribuir o *ethos*, a imagem que o orador produz ao se enunciar, dando ao conceito uma fonte localizada. O autor propõe por meio de seus trabalhos voltado para a pragmática e para a semântica uma abordagem do *ethos* que esteja ligada as instâncias da enunciação. O autor estabelece o lugar do “Locutor-L”, que é apreendido como o enunciador, e o “locutor-lambda”, apreendido como ser do mundo. Diante de seu modelo, o autor realiza a distinção entre o mostrar e o dizer. De acordo com Maingueneau:

Não se trata de afirmações que o autor pode fazer a respeito de sua pessoa no conteúdo do seu discurso – afirmações que, ao contrário, correm risco de chocar o auditório –, mas da aparência que lhe conferem a cadência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha de palavras, dos argumentos... Em minha terminologia, direi que o *ethos* está associado a L, o locutor como tal. É na medida em que é fonte da enunciação que ele se vê revestido de certos caracteres que, em consequência, tornam essa enunciação aceitável ou refutável<sup>18</sup>.

Portanto, voltando-se para o locutor-L, ficção discursiva, a imagem de L se revela como a imagem da instância discursiva que se vê revestida de determinados caracteres que tornará a enunciação aceitável ou recusável.

---

<sup>15</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 60.

<sup>16</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 13, citado por R. Barthes.

<sup>17</sup> DUCROT, 1984.

<sup>18</sup> MAINGUENEAU, 2010, citado por DUCROT 1984, p. 268.

Para Maingueneau<sup>19</sup>, o *ethos* ganha um rompimento com os postulados retóricos. O modelo trabalhado pelo autor ultrapassa o caráter transmitido pelo orador durante sua pronúncia. Ducrot<sup>20</sup> estabelece uma relação entre a reflexividade enunciativa e sua relação com o corpo e discurso recorrentes ao *ethos*. O autor contraria a noção dada ao termo *ethos*, sendo ele traduzido como caráter. Para ele, a noção de *ethos* está ligada ao processo enunciativo, afastando qualquer posição psicologizante que o interlocutor traz consigo sobre o enunciador.

O termo “tom” é atribuído pelo autor por se relacionar tanto para o escrito quanto para o oral. Maingueneau vale-se do termo para dar corpo a um *fiador*, a uma instância subjetiva que faz surgir uma origem enunciativa. O fiador torna-se, dessa forma, a construção do leitor sobre os indícios textuais que são apresentados no discurso. Maingueneau confere ao fiador um par que envolve o caráter e uma corporalidade<sup>21</sup>. Dessa forma, o caráter está centrado naquilo em que se estabelecem os traços psicológicos da origem enunciativa, sendo a corporalidade voltada para o conjunto de representações sociais que passam a ser valorizadas e desvalorizadas, carregadas por marcas estereotípicas pelas quais se apoia a enunciação fazendo o enunciatário incorporar o corpo discurso e atribuir uma imagem ao fiador pelas pistas textuais.

Maingueneau, em seu livro *Novas Tendências em Análise do Discurso*, ressalta que o discurso não pode ser dissociado daquilo que chamamos “voz”. O enunciador traz para o seu destinatário efeitos impostos de sua imagem, mas adverte que tal imagem não pode ser representada por uma ação psicologizante (ação cognitiva) do destinatário, pois tal efeito é imposto por meio das formações discursivas que se apresentam ao interlocutor. Através disso, o leitor deve dissociar qualquer ação psicologizante, pois o *ethos* está na prova de um efeito de sentido, algo que se prescreve na situação comunicacional, na situação de enunciação. É por meio da enunciação que sua imagem é construída:

Em primeiro lugar, precisa afastar qualquer preocupação “psicologizante” e “voluntarista”, de acordo com a qual o enunciador, à

<sup>19</sup> MAINGUENEAU, 2008.

<sup>20</sup> DUCROT, 1984.

<sup>21</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 72.

semelhança de autor, desempenha o papel de sua escolha em função dos efeitos que pretende produzir sobre seu auditório. Na realidade, do ponto de vista da AD, esses efeitos são impostos, não pelo sujeito, mas pela formação discursiva. De outra forma, eles se impõem àquele que, no seu interior, ocupa um lugar de enunciação, fazendo parte integrante da formação discursiva, ao mesmo título que as outras dimensões da discursividade<sup>22</sup>.

Maingueneau<sup>23</sup> elabora o termo incorporação para dissertar sobre a forma que o os leitores, coenunciadores, se relacionam com o *ethos* de um discurso. Ademais, sobre incorporação o autor elabora três meios de fazer o termo surgir. A primeira, a própria enunciação atribui uma corporalidade ao fiador, a instância subjetiva, origem enunciativa. A segunda, os leitores, coenunciadores, incorporam os esquemas textuais que correspondem à forma de se relacionar com o mundo atribuindo um corpo ao discurso. A terceira e última funda-se na relação entre a primeira e a segunda, que permite a constituição de um corpo para a comunidade imaginária que fazem parte do discurso.

Ao atribuir ao termo um sentido muito além da persuasão, como ocorria na retórica tradicional, Maingueneau considera o *ethos* como parte constitutiva da cena de enunciação. Ele esclarece que qualquer ato de tomar a palavra institui a configuração cultural da enunciação, os papéis impostos a origens discursivas, o lugar e o momento. Ele apresenta também os conceitos *cena englobante*, o tipo de discurso; *cena genérica*, voltada para o gênero; e *cenografia*, a fala que legitima o dizer. Nas palavras do autor:

A *cena englobante* atribui ao discurso um estatuto pragmático, ela o integra em um tipo de: publicitário, administrativo, filosófico... A *cena genérica* é a do contrato associado a um gênero ou a um subgênero de discurso: o editorial, o sermão, o guia turístico, a consulta médica... Quanto à *cenografia*, ela não é imposta pelo gênero, mas construída pelo próprio texto: um sermão pode ser enunciado

<sup>22</sup> MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1997, p. 45-46.

<sup>23</sup> MAINGUENEAU, 2011.

por meio de uma cenografia professoral, profética, amigável, etc. A cenografia é a cena de fala que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente<sup>24</sup>.

Maingueneau, portanto, propõe um modelo que ligue a noção de *ethos* ao de cena da enunciação, sendo o primeiro termo parte indissociável do segundo. O *ethos*, proposto pelo modelo de Maingueneau, envolve uma interação de diversos fatores que resulta na construção do termo. A noção de *ethos pré-discursivo* envolve os saberes que o interlocutor/enunciário (coenunciador, auditório, enunciário, destinatário, leitor) traz do enunciador antes de sua pronúncia. A distinção entre o mostrar e o dizer inscrevem-se entre polos extremos. O *ethos dito* torna-se o sugerido, enquanto o *mostrado* revela-se na instância enunciativa. A interação entre o *ethos pré-discursivo*, *ethos dito*, *ethos mostrado* resulta na construção do *ethos efetivo* que é o resultado da construção do destinatário.

Charaudeau<sup>25</sup>, em seu trabalho intitulado *Discurso Político*, apresenta uma série de imagens que o político propõe projetar para ganhar a credibilidade do seu público. Por meio desse projeto, o autor reporta a *credibilidade* que envolve o *ethos* de sério, de virtude e de competência; e a *identificação* revelando o *ethos* de potência, de caráter, de inteligência, de humanidade, de chefe, que reporta ao de guia-pastor, guia – soberano, guia – profeta, *ethos* de solidariedade. Todas essas manifestações, para o autor, são meios de projeções que o sujeito realiza para alcançar seus objetivos.

Para Mota<sup>26</sup>, o *ethos* está incorporado à noção de sujeito. As palavras ganham força, constroem o sujeito por meio de quem às produz. Em seu trabalho, *Entre o artístico e o político*, a autora se volta para o enunciador do rap brasileiro. Para tanto, a aborda letras de músicas de MCs do grupo de rap *Racionais* para descrever a manifestação da imagem dos enunciadores personagens na música *Da ponte pra cá*. Na letra

<sup>24</sup> MAINGUENEAU, 2008, p. 70.

<sup>25</sup> CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.

<sup>26</sup> MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). *Ethos Discursivo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

a desconfiança entre os sujeitos se faz no uso prático da linguagem e na legitimidade do dizer. O enunciador na letra ratifica que não basta possuir gíria, é necessário ser periferia, estar periferia, estar ligado a ela, ao seu mundo. Desta forma, Mota *relaciona a posição que o sujeito ocupa para legitimar sua fala, para dar credibilidade a sua imagem, não basta ter o dom, o uso da linguagem, reproduzir gírias, mas deve estar legitimado para produzir tal discurso*. Em sua análise, a autora expõe traços do *ethos pré – discursivo*, pois revela que na letra o personagem assevera que é preciso ser periferia possuir traços que são pertinentes à região ligados a geografia do local, a condição econômica e social.

Para Dascal<sup>27</sup>, o *ethos* ganha destaque e força no papel argumentativo. Para ele, o *ethos* está ligado ao que chama de credibilidade, a imagem persuasiva do enunciatário, ligado a fatores inferências-cognitivos que levam o público atribuir valor ao que seu Locutor (enunciador) produz. Dessa forma, o enunciador busca oferecer em seu discurso elementos mais convincentes para aqueles que o ouvem construindo uma imagem ideal, uma imagem que capture a confiança de seu enunciatário.

### **A imagem de si na epístola de Paulo aos filipenses**

*Ethos* de escolhido, de enviado, de servo:

**Paulo e Timóteo, servos de Cristo Jesus**, a todos os santos em Cristo Jesus, inclusive bispos e diáconos que vivem em Filipos, **graça e paz a vós outros, da parte de Deus**, nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo (Fp 1,1-3).

Não que eu tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também **fui conquistado por Cristo Jesus** (Fp 3,12).

Paulo, ao saudar os Filipenses, apresenta-se como servo de Cristo Jesus. Dá graças da parte de Deus. Temos aqui a imagem, o *ethos* de

<sup>27</sup> DASCAL, Marcelo. O *ethos* na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 57-69.

*escolhido, de enviado*, pois aquele que é servo serve a seu mestre, seu senhor. Ao saudar os Filipenses, Paulo dá graças da parte de Deus, nosso Senhor. As graças que o apóstolo atribui não são devidamente suas, mas daquele de quem se fala, Deus, Senhor, Cristo Jesus. Aquele que anuncia a palavra foi escolhido por Deus para anunciar a salvação, de acordo com a política da eleição dos apóstolos de Jesus para pronunciar as boas novas, pois os apóstolos, de acordo com Fp 1,1, revelam trazer graças da parte de Deus, desse modo assegurando seu lugar de servo, de eleito, escolhido. O termo servo denota proximidade com o *Espírito Santo, com Deus, com Cristo Jesus*. Diante disso, Paulo ressalta estar presente para servir aquilo que lhe é atribuído pelo seu *Senhor*. O autor da epístola dirige-se aos Filipenses como àqueles a quem “foi concedida a graça”, assim como o servo e ministro do evangelho Paulo (1,29). Em Fp 3,12, o sujeito ocupa o lugar de posse, de conquista de outrem e, desse modo, sua imagem de servo escolhido é ratificada pelo lugar que ocupa.

Citelli<sup>28</sup> afirma que a voz do pastor, do pregador se revela como vontade não sua, mas do outro que determina todas as coisas, de uma autoria sabida, uma voz que silencia todas as outras de forma arbitrária e autoritária. Diante disso, Deus determina Paulo seu servo, preservando seu lugar de senhor. Paulo utiliza-se do nome de Deus como meio de legitimar seu lugar, de forma a autenticar sua posição de servo enviado construindo, dessa maneira, o *ethos* de escolhido, pois aquele que fala em nome de Deus deve estar legitimado para isso.

*Ethos* de alegria:

Dou graças ao meu Deus por tudo que recordo de vós, **fazendo sempre, com alegria**, súplicas por todos vós, em todas as minhas orações, pela vossa cooperação no evangelho, desde o primeiro dia até agora. Estou plenamente certo de **que aquele que começou boa obra em vós há de completá-la até ao Dia de Cristo Jesus**. Aliás, é justo que eu assim pense de todos vós, **porque vos trago no coração, seja nas minhas algemas seja na defesa e confirmação do evangelho**, pois todos são participantes da graça comigo (Fp 1,3-4).

---

<sup>28</sup> CITELLI, 2002.

Nessa passagem, como em outras da carta, Paulo manifesta o *ethos* de alegria. O motivo da alegria do apóstolo se revela pelas lembranças que carrega consigo dos crentes em Filipos, pela sua cooperação do primeiro dia até sua permanência no cárcere.

O apóstolo possui a consciência necessária que um cristão deve ter ao participar dos trabalhos da Igreja. Essa consciência se revela na confiança que Paulo tinha pelos crentes de Filipos, pois mesmo estando preso carregava informações da defesa e confirmação do evangelho dos filipenses. Esse foi o motivo de o apóstolo carregar no coração os cristãos de Filipos. A alegria da Igreja primitiva se fazia em conservar unidos os cristãos da época. A alegria também é resultante da recompensa de Deus, pelos testemunhos que os crentes faziam em seu nome. Importante salientar que a alegria de Paulo não dependia do momento de prazer, pois sua carta tem como local de origem seu cárcere, o que não o impedia de se alegrar pela força e veracidade da confirmação e testemunho de seus irmãos em Filipos.

*Ethos* de credibilidade:

Quero ainda, irmãos, **cientificar-vos de que as coisas que me aconteceram têm, antes, contribuído para o progresso do evangelho**; de maneira que as **minhas cadeias, em Cristo, se tornaram conhecidas em toda guarda pretoriana e de todos os demais**; e **a maioria dos irmãos, estimulados no Senhor por minhas algemas ousam falar com mais desassombro a palavra de Deus** (Fp 1,12-14).

O *ethos* de credibilidade não está necessariamente relacionado à identidade social do sujeito. Pelo contrário, ele se manifesta na ação discursiva em que o sujeito falante produz com efeito de torná-lo digno de crédito. De acordo com Charaudeau<sup>29</sup>, o indivíduo torna-se digno de crédito quando o que ele diz corresponde ao que ele pensa. Nessa condição, há sempre a relação de transparência e sinceridade. Paulo, ao enunciar por meio de sua transparência em “Quero ainda, irmãos, cientificar-vos”, revela sua imagem de sinceridade, pois por meio de seu desejo expresso

<sup>29</sup> CHARAUDEAU, 2006.

pelo verbo *querer* e *cientificar* revela sua objetividade em compartilhar o que ocorreu com o seu trabalho.

A credibilidade envolve a argumentação e objetiva, por meio do discurso, conquistar a adesão e a confiança de seu auditório. De acordo com Charaudeau<sup>30</sup>, a credibilidade repousa em um *fazer crer* e *poder fazer*. Eggs<sup>31</sup>, em seu estudo sobre o *ethos* aristotélico, fala o termo *epieíkeia*, que é traduzido como honestidade. De acordo com Aristóteles,

Persuadimos pelo *ethos*, se o discurso é tal que torna o orador digno de crédito, pois as pessoas honestas (*epieíkés*) nos convencem mais e mais rapidamente sobre as questões em geral [...] Não é preciso admitir [...] que a *epieíkeia* do orador não contribui em nada para a persuasão; muito ao contrário, o *ethos* constitui praticamente a mais importante das provas<sup>32</sup>.

O trabalho evangelístico de Paulo é digno de mérito. De acordo com o apóstolo, sua transparência, honestidade e sinceridade se revelam nos objetivos e resultados de seu trabalho. O apóstolo utiliza suas prisões como forma de argumentar e testificar sua imagem seu trabalho sendo reconhecido por toda guarda romana e estimulando novos fiéis a falarem do Senhor “com o mesmo desassombro”.

*Ethos* de tolerante e de sério:

Alguns efetivamente proclamam a Cristo por inveja e porfia; outros, porém, o fazem de boa vontade; estes, por amor, sabendo que **estou incumbido da defesa do evangelho**; aqueles, contudo, pregam a Cristo, por discórdia, insinceramente, julgando suscitar tribulação às minhas cadeias. **Todavia, que importa?** Uma vez que Cristo, de qualquer modo, está sendo pregado, quer por pretexto, quer por verdade, **também com isto me regozijo, sim, sempre me regozijarei** (Fp 1,15-18).

Paulo inicialmente apresenta os papéis de dois tipos de pregadores: os que pregam por amor e os que pregam por porfia, discórdia, sendo

<sup>30</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>31</sup> EGGS, Ekkehard. *Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna*. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

<sup>32</sup> Citado por EGGS, 2011, p. 36.

estes últimos os causadores de tribulações às algemas do apóstolo. O enunciador declara de maneira descritiva o objetivo desses dois tipos de pregadores, revelando os lugares que cada sujeito ocupa. De um lado, os que pregam pelo amor ao evangelho de Cristo, de outro, os que pregam por discórdia. Porém, Paulo revela um tom tolerante para com os pregadores que exercem o trabalho por discórdia: “Todavia, que importa?” (Fp 1,18). Ao mesmo tempo, o enunciador constrói sua imagem de sério, pois, como afirma Charaudeau<sup>33</sup>, o *ethos* de sério envolve um autocontrole, manter sangue frio para as provocações e adversidades, não estar envolvido em atividades frívolas.

*Ethos* de confiança:

Porque estou certo de que isto mesmo, pela vossa súplica e pela visão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa de que em nada serei envergonhado; antes com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro (Fp 1,19-21).

Notemos que a confiança é algo presente na vida dos cristãos, isso se torna mais evidente na vida de Paulo, o *apóstolo dos gentios*. O tom que o enunciador carrega em sua carta traz a imagem de confiança e determinação. Paulo fala de um lugar determinado, em que seu corpo se faz de sacrifício para as obras de Jesus Cristo, pois o seu Deus o redundará em libertação. Por meio de sua formação discursiva, o autor revela a intensidade de seu trabalho e de sua confiança, pois o mesmo se vale de expressões adverbiais de intensidade para descrever a força de sua fé “segundo a minha ardente expectativa de que em nada serei envergonhado”. Conforme aponta Maingueneau<sup>34</sup>, a enunciação da obra confere uma corporalidade ao fiador do discurso. Desse modo, o enunciatário incorpora um conjunto de esquemas discursivos que lhe confere uma maneira de se relacionar com o mundo. Pode-se observar que a *determinação* e *veracidade* com que Paulo escreve sua carta revelam a imagem

---

<sup>33</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>34</sup> MAINGUENEAU, 2008.

de um enunciador confiante no que diz e pratica. Seu corpo será motivo de engrandecimento para Cristo ao doá-lo pela vida ou pela morte para a construção da obra “será Cristo engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte” (Fp 1,20).

Para Eggs<sup>35</sup>, citando Aristóteles, os oradores inspiram confiança quando demonstram em seu discurso prudência, sabedoria prática, honestidade e sinceridade. Paulo se revela sincero no trabalho evangelístico e demonstra sua sabedoria prática ao ser confiante pelas bênçãos que receberá de Deus.

*Ethos* virtude<sup>36</sup>:

Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendeste, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco (Fp 4,8-9).

O *ethos* de virtude é o mais plausível de Paulo ao enunciar o que deve preencher os pensamentos dos irmãos com tudo o que é verdadeiro, respeitável, justo, puro, amável e de boa fama. De acordo com Charaudeau<sup>37</sup>, a virtude possui qualidades que expressem a sinceridade, a honestidade, e a fidelidade. Paulo orienta os seus irmãos a praticarem tudo o que é dito e praticado por ele. Dessa forma, Deus estará convosco: “O que também aprendeste, e recebestes, e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco”. Percebe-se o caráter<sup>38</sup> de fidelidade que os irmãos devem possuir, assim como Paulo demonstra ter no trabalho com as obras de Deus.

---

<sup>35</sup> EGGS, 2011.

<sup>36</sup> A virtude é uma disposição adquirida para fazer escolhas deliberadas (*héxis prohairesetiké*); ela se nos apresenta como uma disposição intermediária que é definida pela razão como um homem razoável (*phónimos*) o faria.

<sup>37</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>38</sup> O termo caráter aqui é empreendido pela concepção de Barthes reformulada de Aristóteles que são os traços de caráter que o orador deve mostrar ao auditório, pouco importando sua sinceridade. É no ato da enunciação que o caráter do enunciador deve ser mostrado para tornar-se digno de fé (EGGS, 2011, p. 34)

Paulo demonstra coragem por sua ousadia em pregar com sabedoria e instigar os irmãos a fazerem o mesmo. Através das virtudes expostas por Paulo para seus irmãos em Filipos, pode-se identificar uma formação ideológica que preenche as verdades e o caráter cristão. O sujeito enuncia do lugar que suas bases ideológicas permitem enunciar, o lugar do sujeito cristão está legitimado a produzir seu discurso por meio do senso de verdade, justiça, fidelidade, pureza, amabilidade e boa fama.

*Ethos* de chefe, de *guia*:

**Acautelai-vos dos cães!** Acautelai-vos dos **maus obreiros!** Acautelai-vos da **falsa circuncisão!** Porque nós é que somos a circuncisão, **nós** é que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não na carne (Fp 3,2-3).

Irmãos, sede **imitadores meus** e observai os que andam segundo o modelo que tendes em nós. Pois muitos andam entre nós, dos quais repetidas vezes, eu vos dizia e agora, vos digo, até chorando, que **são inimigos de Cristo. O destino deles é a perdição**, o deus deles é o ventre, e a glória deles está na sua infâmia, visto que só se preocupam com as coisas terrenas. Pois a nossa pátria está nos céus, de onde também **aguardamos o Salvador**, o Senhor Jesus Cristo, o qual transformará o nosso corpo de humilhação, para ser igual ao corpo da sua glória, segundo a eficácia do poder que ele tem de até subordinar a si todas as coisas (Fp 3,17-21).

O *ethos* de chefe está ligado diretamente à relação entre o *eu* e o *outro*<sup>39</sup>. A imagem está voltada para o cidadão, é a construção que o sujeito realiza para que o outro adira vendo o enunciador em si – mesmo de forma idealizada. A imagem de chefe está ligada a três figuras: *guia*, *soberano* e *comandante*. Paulo, por meio de sua carta, busca admoestar para o perigo dos falsos mestres, falsos obreiros. O *fiador* constrói sua imagem de *guia*, de um pastor que busca manter unido o rebanho. Paulo deseja alcançar a união, a unificação da igreja revelando em sua formação discursiva o discurso de unificador. Em suas palavras: “Porque **nós é**

<sup>39</sup> CHARAUDEAU, 2006.

**que somos a circuncisão, nós** é que adoramos a Deus no Espírito, e nos gloriamos em Cristo Jesus, e não na carne” (Fp 3,3), o uso do pronome *nós* descreve o lugar do qual Paulo enuncia, de que faz parte da comunidade cristã. Paulo ocupa o lugar de adorador, o lugar de que é o escolhido por Deus: “**nós é que somos a circuncisão**”. O fiador está legitimando o lugar que ocupa, portanto tem autoridade para falar, sua voz foi legitimada por Aquele que nomeia todas as coisas, mas não é nomeado.

O *guia* é o que reúne o rebanho, mostrando o caminho, que ilumina com sua presença tranquila<sup>40</sup>. Ao mesmo tempo Paulo apresenta essa imagem de guia pastor e de guia profeta, pois suas admoestações contra os cães, falsos obreiros, contra a falsa circuncisão está presente em um aqui-agora, e um aqui-além ao revelar a conquista daqueles que são perseverantes no evangelho. A imagem de guia profeta é construída por Paulo ao revelar as bênçãos que seus irmãos possuirão ao serem seus imitadores. O enunciador oferta a pátria no céu, a transformação corpo em humilhação para ser igual corpo da glória.

*Ethos* de competência:

Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da **linhagem de Israel**, da **tribo de Benjamim**, **hebreu de hebreus**; quanto à lei, **fariseu**, quanto ao zelo, **perseguidor da igreja**; quanto à justiça que há na lei, **irrepreensível**. Mas o que, para mim, era lucro, isto considerei perda por causa de Cristo. Sim, deveras **considero tudo perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus**, meu Senhor; por amor do qual perdi todas as coisas e as considero como refugo, para ganhar a Cristo (Fp 3,4-8).

Na produção discursiva de Paulo, podem-se identificar traços de sua sabedoria e de sua experiência. O *ethos* de competência exige ao mesmo tempo saber e habilidade, essa imagem é construída por frutos de sua herança, estudos, funções exercidas, experiências adquiridas<sup>41</sup>. Paulo, ao enunciar, descreve os lugares que ocupa, revelando sua *competência*. O autor fala do lugar de um *israelita*, de um *hebreu*, de um *fariseu*, de

<sup>40</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>41</sup> CHARAUDEAU, 2006.

*perseguidor*, e do lugar de *conquista* e *sacrifício*. Todos os lugares que o autor revela ter ocupado ao construir seus discursos revelam as diferentes formações discursivas que perpassam o seu discurso. O saber e a habilidade são as exigências de um sujeito que quer ser reconhecido como competente<sup>42</sup>. O domínio cultural e tradicional que Paulo revela ter passa a ser perda pela conquista de ter obtido Cristo como salvador: “considero tudo perda, por causa da sublimidade do conhecimento de Cristo Jesus”. É através do conhecer a Cristo Jesus que se detém o conhecimento. A sabedoria não vem de Paulo, mas de Jesus. Além disso, a conversão de Saulo, Paulo de Tarso, trouxe grandes conquistas para a consolidação do evangelho, diante de toda sabedoria e da dupla cidadania que o apóstolo dos gentios carregava consigo<sup>43</sup>.

*Ethos* de solidariedade:

Quanto ao mais, irmãos meus, alegrai-vos no Senhor. **A mim, não me desgosta e é segurança para vós outros que eu escreva as mesmas coisas**” (Fp 3.1).

Como na maioria das cartas de Paulo e de outros escritores bíblicos, as cartas têm como objetivos oferecer segurança, solidariedade, fé para os desamparados com fins de livrá-los da perseguição.

*Ethos* de gratidão:

Recebi tudo e tenho abundância; **estou suprimido**, desde que Epafrodito me passou às mãos o que **me veio de vossa parte como aroma suave, como sacrifício aceitável e aprazível a Deus**. É o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades (Fp 4,18-19).

O *ethos* de gratidão é consequência do *ethos* de virtude, pois a gratidão vem dos espíritos mais humildes, menos arrogantes. Aquele que

<sup>42</sup> CHARAUDEAU, 2006.

<sup>43</sup> ROBERTSON, Archibald Thomas. *Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo*. Tradução de A. Bem Oliver. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982; BARCLAY, William. *The Letter to the Philippians*. Tradução de Carlos Biagini. Trinity College, 1959; MARTIN, Ralph P. *Filipenses: introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo, 1985.

é humilde de coração sabe ser grato pelas poucas coisas que lhes são dadas. Segundo os preceitos e conceitos da Igreja cristã, a lei que rege a vida na terra é o mandamento de Jesus: “amarás teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22,34-40). O amor dos crentes em Filipos por Paulo resulta na gratidão do apóstolo pelos suprimentos. A gratidão é, pois, uma virtude do sujeito de coração puro. O *ethos* de virtude é movido por atitude de respeito para com o indivíduo, de forma transparente, onde há atitudes de cuidado, amor, fidelidade e respeito<sup>44</sup>.

Ao mesmo tempo em que Paulo evoca o *ethos* de gratidão, ele constrói o *ethos* de consolador, pois “o meu Deus, segundo a sua riqueza em glória, há de suprir, em Cristo Jesus, cada uma de vossas necessidades” (Fp 4,19). Paulo atribui a Deus o papel de consolar e, como seu mensageiro, tem o papel de consolar e suprir os desconsolados.

Diante da diversidade de *ethos* que o enunciador constrói, efetuamos, abaixo, um quadro qualitativo-quantitativo em que revela as incidências em que os *ethos* manifestados se apresentam na epístola.

**Tabela 1.** Os *ethos* manifestados por Paulo na epístola aos Filipenses

<b>Ethos manifestado por Paulo</b>	<b>Epístola aos Filipenses</b>	<b>Incidência</b>
<i>Ethos</i> de escolhido	1.1-3/ 1.13/ 1.28 / 3. 3 / 3. 9/ 3. 12/ 3. 21	7 vezes
<i>Ethos</i> de alegria	1.4/ 2.2/ 2.17/ 2.18/ 2. 19/ 3. 1/ 3. 8/ 4. 4/ 4.9	9 vezes
<i>Ethos</i> de credibilidade	1. 12-14/ 1. 27.28/ 2. 3-4/ 2. 12/ 3. 14/ 4.2	6 vezes
<i>Ethos</i> de sério	1.15/ 1.18/ 1.27-28/ 2. 14-15/ 2. 22/ 3.16	6 vezes
<i>Ethos</i> de confiança	1.19-21/ 1.25/ 2. 13/ 2. 20-22/ 2.24/ 3.8-9	6 vezes

<sup>44</sup> CHARAUDEAU, 2006, p. 25-26.

<i>Ethos</i> de virtude	2. 2-4/ 2. 20/ 4. 8-9/ 4.9	4 vezes
<i>Ethos</i> de chefe, de guia	1.24-26/ 1. 27/ 2. 3-4/ 3. 2-3/ 3. 17-21	5 vezes
<i>Ethos</i> de competência	1. 6/ 1.19/ 2. 13/ 3. 4-7/ 4. 5/ 4.12	6 vezes
<i>Ethos</i> de solidariedade	1. 24-25/ 2. 19/ 2. 25/ 3.1/ 4. 19	5 vezes

Os lugares dos sujeitos são construídos de forma a distinguir quem possui o poder para consolar e quem necessita ser consolado, receber auxílio. Essa é uma das características do discurso religioso, a posição do sujeito e a não-reversibilidade são marcas presentes no discurso religioso que o faz distinguir de outros discursos. O *ethos* descreve como esse enunciador constrói sua imagem na instância em que toma a palavra e faz uso da linguagem.

### Considerações finais

Na realização de um trajeto na constituição do *ethos* desde sua origem na retórica antiga aos estudos atuais na Análise do Discurso, pode-se compreender como as categorias do discurso contribuem para a construção e compreensão do *ethos* tanto na elaboração do trabalho quanto na apresentação ao leitor. Desse modo, o discurso cristão, especificamente o *corpus* em análise, revelou grandes contribuições para a pesquisa sobre o *ethos* almejando alcançar os objetivos propostos no trabalho, sendo um deles contribuir para pesquisas voltadas para o *discurso religioso*. Dessa maneira, o *ethos* do apóstolo Paulo é construído de diversas imagens, pois ao utilizar a linguagem como trabalho social, o enunciador promove diversas ações ao tomar a palavra, algumas de suas ações refletem em demonstrar a alegria e a satisfação em seu estado de espírito, de admoestações contra os falsos mestres, de agradecimento, de pregador da palavra, etc. Ao se apropriar da linguagem, o enunciador constrói diversos *ethos* que se mostram no resultado do nosso trabalho como *ethos* de competência, de sério, de escolhido, de virtude, de competência, de confiança, dentre outros. Dessa forma, esperamos que o trabalho tenha contribuído

para o leitor sobre como o sujeito constrói suas imagens na sociedade e como elas afetam seu discurso.

### Referências

- AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2ª ed. Barueri-SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2008.
- BARCLAY, William. *The Letter to the Philippians*. Tradução de Carlos Biagini. Trinity College, 1959.
- CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso Político*. São Paulo: Contexto, 2006.
- \_\_\_\_\_. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: 2008.
- CITELLI, Adilson. *Linguagem e Persuasão*. 15ª ed. São Paulo: Ática, 2002.
- DASCAL, Marcelo. O ethos na argumentação: uma abordagem pragma-retórica. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011, p. 57-69.
- EGSS, Ekkehard. Ethos aristotélico, convicção e pragmática moderna. In: AMOSSY, Ruth (organizadora). *Imagens de si no discurso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- FOUCAULT, Michel, 1926-1986. *A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. 23. ed. **São Paulo: edições Loyola, 2013.**
- MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas de Enunciação*. Sírio Possenti, Maria Cecília Pérez de Souza -e- Silva (Orgs). São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- \_\_\_\_\_. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 3ª ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- MARTIN, Ralph P. *Filipenses: introdução e comentário*. Tradução de Oswaldo Ramos. São Paulo, 1985.
- MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana (orgs). *Ethos Discursivo*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (org.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. Vol. II, 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. 6. ed. Campinas, SP, Pontes Editores, 2011.
- ORLANDI, Eni P. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. 12ª ed. Campinas, SP, Pontes, 2015.
- ROBERTSON, Archibald Thomas. *Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo*. Tradução de A. Bem Oliver. 2. ed. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 1982.